# Estudos de História Regional Platina

Ana Inez Klein
Edgar Ávila Gandra
Marcos César Borges da Silveira
Paulo César Possamai
Viviane Saballa
(Orgs.)

φ

**Diagramação:** Marcelo A. S. Alves
**Capa:** Carole Kümmecke - https://www.behance.net/CaroleKummecke

**O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.**

Todos os livros publicados pela Editora Fi
estão sob os direitos da Creative Commons 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

http://www.abecbrasil.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

KLEIN, Ana Inez et al (Orgs.)

Estudos de História Regional Platina [recurso eletrônico] / Ana Inez Klein et al (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

515 p.

ISBN - 978-85-5696-455-7

Disponível em: http://www.editorafi.org

1. História; 2. Estudos; 3. Platina; 4. Pelotas; 5. Imigração; I. Título II. Série

CDD: 900

Índices para catálogo sistemático:
1. História 900

**14 ..... 221**
**O método prosopográfico e o estudo da elite charqueadora de Pelotas (c. 1850 - c. 1900)**
Jonas Moreira Vargas

**15..... 251**
**A cidade de Pelotas, seus habitantes e suas elites: novas fontes documentais para o seu estudo (década de 1910)**
Jonas Vargas; Jéssica Rodrigues Peres

**16..... 277**
**As marcas da ditadura civil-militar ha história local de Pelotas**
Sinara Veiga Faustino

**17..... 287**
**A elite política de Pelotas após o ciclo do Charque, no início do séc. XX como problema de pesquisa**
Daniel de Souza Lemos

**18 ..... 297**
**A história descartada da praça Cipriano Barcelos (Pelotas, RS)**
Letícia Nörnberg Maciel

**19..... 313**
**Os reflexos da atuação de padre Reinaldo Wiest nas cidades de Pelotas e Piratini – RS**
Ticiane Pinto Garcia

**20..... 329**
**A história da região sul do Rio Grande do Sul registrada no acervo do memorial da associação comercial**
Andréa Molina Barbosa Viana

**21..... 343**
**Museus, coleções e cientistas: interdisciplinaridade, trocas e intercâmbios na América do Sul (séc. XIX)**
Daniel Barbier; Diego Lemos Ribeiro

**22 ..... 357**
**Organização do acervo de testamentos e inventários da secretaria da fazenda de Pelotas (1864-1966)**
Ana Inez Klein; Cleoni Lima de Ávila; Secundino José Rosa

# 15

# A cidade de Pelotas, seus habitantes e suas elites: novas fontes documentais para o seu estudo (década de 1910).

*Jonas Vargas*[1]
*Jéssica Rodrigues Peres*[2]

Seja pelos seus aspectos socioculturais, seja pela sua importância em termos políticos e econômicos, Pelotas é uma das principais cidades do Rio Grande do Sul. Contudo, quando a examinamos a partir de um panorama histórico, tal importância se acentua ainda mais, visto que em épocas mais remotas ela era a principal cidade da região sul. Referimo-nos ao século XIX, mais propriamente ao período de auge das charqueadas escravistas. Nesta época, o Conde D'Eu deixou registrado:

> Pelotas aparece aos olhos encantados do viajante como uma bela e próspera cidade. As suas ruas largas e bem alinhadas, as carruagens que as percorrem (fenômeno único na província), sobretudo os seus edifícios, quase todos de mais de um andar, com as suas elegantes fachadas, dão ideia de uma população opulenta. De fato, é Pelotas a cidade predileta do que chamarei a aristocracia rio-grandense, se é que se pode empregar a palavra aristocracia falando-se de um país do novo continente. Aqui é que o estancieiro, o gaúcho cansado de criar bois e matar cavalos no

[1] Professor Adjunto do Departamento de História da UFPel.

[2] Graduanda do curso de Bacharelado em História da UFPel/ Bolsista Probic-Fapergs

> interior da campanha, vem gozar as onças e os patacões que ajuntou em tal mister. (...) O rápido desenvolvimento de Pelotas é um fato notável que não encontra análogo na província e que pressagia a esta cidade um futuro considerável.[3]

O Conde D'Eu ainda finalizou escrevendo que, ao invés de Porto Alegre, era Pelotas que deveria ser a capital da Província. No entanto, a crise das charqueadas escravistas atingiu a localidade nos anos 1880, afetando fortemente a economia regional. Apesar disso, o novo cenário viu surgir uma nova elite financeiro-industrial e agropecuarista.Se já não era mais a terra dos barões do charque, Pelotas ainda se manteve como importante referência política e econômica regional. Exemplo disso foi a atuação do Banco Pelotense, fundado em 1906, que acabou se tornando uma das principais instituições bancárias do Brasil. Na mesma época, o chamado "ciclo do charque" foi lentamente dando espaço ao "ciclo do arroz". As industrias floresceram, a população continuou em crescimento e,escrevendo em 1940, Wolfgang Harnisch deixou registrado o seguinte: "A riqueza que traziam era fantástica (...). Esses milionários pelotenses bem poderiam ter vivido no Rio ou em Nice e ainda em Paris; poderiam ter concorrido com os fidalgos russos no luxo e na dissipação de Monte Carlo".[4]

Assim sendo, não é possível falarmos em uma decadência social e econômica após o auge das charqueadas escravistas, uma vez que a economia pelotense continuou a dinamizar-se, proporcionando outros espaços de atuação, e as suas elites foram se adaptando aos novos ventos da economia mundial, muito embora muitas famílias foram varridas pelas diversas crises. No entanto, é inegável que Porto Alegre, seus municípios vizinhos e a região da serra (de colonização italiana) apresentaram índices de desenvolvimento muito maiores, ao ponto de constatarmos que a metade sul do Estado não conseguira acompanhar os mesmos

---

[3] D'EU, Conde. *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul.* São Paulo: USP, 1981, p. 130-131.

[4] HARNISCH, Wolfhang. *O Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: Globo, 1952.

ritmos de crescimento nas próximas décadas.[5] Além do mais,a elite política pelotense, que no oitocentos apresentava um número de famílias notáveis no cenário político regional e nacional, após as primeiras décadas do século XX já não possuía mais a mesma representação.

Todos esses movimentos ainda não foram muito bem estudados, de forma que o presente texto, inserido num projeto de pesquisa mais amplo, busca apresentar ao leitor algumas fontes documentais que ajudam a caracterizar a população pelotense e parte de suas elites num momento-chave de tais transformações socioeconômicas e políticas.Não pretendemos discutir o caráter da suposta decadência no período mencionado acima, nem situar quais as suas raízeshistóricas e as crises que afetaram a economia pelotense. Nosso projeto certamente está direcionado para a busca de uma melhor compreensão de tais fenômenos, mas eles receberão a nossa atenção mais futuramente.

Assim sendo, o objetivo principal do presente texto é analisar duas fontes praticamente não exploradaspela historiografia regional que podem auxiliar nos estudos sobre a população pelotense na década de 1910. Uma delas é uma espécie de"censo" municipal de 1911, documento que se encontra sob a guarda da Biblioteca Pública Pelotense.[6]A outra são os dados extraídos de um Anuário estatístico editado pelo famosoAlmanackLaemmert – coleção organizada no Rio de Janeiro– que reúne informações sobre os estabelecimentos existentes em diversos municípios do Brasil nos séculos XIX e XX.[7] Por fim, buscamos demonstrar uma

---

[5] FONSECA, Pedro Dutra. *RS: economia e conflitos políticos na República Velha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, p. 56-68.

[6] Intendência Municipal de Pelotas. Dados Estatísticos (1910-1911). Pelotas: Diário Popular, 1911 (DPM-023).

[7] Anuário Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial da Republica dos Estados Unidos do Brasil para 1914. Rio de Janeiro: AlmanakLaemmert, 1914. Com relação a esta fonte é importante mencionar que no início das pesquisas do presente projeto, acreditávamos que ela reunia tais dados somente para o ano de 1914, visto que foi o primeiro exemplar que encontramos a partir de uma pesquisa aleatória. Contudo, posteriormente verificamos que os dados referentes ao município de Pelotas são apresentados pela primeira vez no "Almanack" publicado em 1907 e estão

possível caracterização das elites pelotenses na época, a partir do cruzamento de informações relativas às profissões e ocupações socioeconômicas de seus membros em ambos os documentos. A ideia é que se usados de forma complementar, os mesmos possibilitam uma melhor visão a respeito da sociedade pelotense no período.

## Pelotas na década de 1910 e os dados compilados nas fontes

A origem de Pelotas está diretamente ligada ao surgimento das primeiras charqueadas escravistas no final do século XVIII. A riqueza e opulência alcançadas pelas suas elites na segunda metade do oitocentos também tinha íntima relação com o mesmo complexo fabril que, no interior de um sistema econômico mais amplo, ainda incluía a criação extensiva e as redes mercantis atlânticas. No entanto, a crise das charqueadas escravistas, que se iniciou na década de 1870 e se concretizou na década posterior, anunciou uma nova etapa na sociedade e economia pelotenses.

Alguns autores consideraram que a decadência das charqueadas estaria ligada ao fim da escravidão. Se pensarmos pelo lado do impacto na falta de mão de obra nos estabelecimentos, tal tese está correta, muito embora não seja o único fator causador.[8] Porém, alguns também veem no fim da escravidão um golpe no mercado consumidor do charque, o que teria provocado a diminuição na procura pelo produto. Mário Osório Magalhães, por exemplo, argumentou que um dos fatores que fizeram as charqueadas entrarem em decadência foi a abolição da escravidão,

---

presentes de forma quase ininterrupta até 1936. Portanto, este é o motivo pelo qual analisamos somente o ano de 1914 no presente artigo. Uma análise de todos os volumes seria impossível no presente momento, visto a grande quantidade de informações (como poderá se ver mais adiante). Entretanto, a validade da análise realizada aqui sustenta-se pelo fato de que estamos apresentando a fonte ao leitor, assim como as possibilidades de pesquisa com a mesma.

[8] VARGAS, Jonas M.*"Os Barões do charque e suas fortunas": um estudo sobre as elites regionais brasileiras a partir de uma análise dos charqueadores de Pelotas (RS, século XIX)*. São Leopoldo: Editora Oikos, 2016.

pois "deixou de existir o escravo, que era o maior consumidor do produto".[9] Beatriz Loner, por sua vez, considerou que "a abolição da escravidão cobrou seu tributo a essa indústria, não só pela desorganização da produção naquela safra e na seguinte, como pela diminuição do mercado do charque".[10]

Ora, as estatísticas das exportações rio-grandenses mostram que após o fim da escravidão o charque continuou a ser vendido em altas quantidades.Apenas para nível de comparação, durante o auge das charqueadas pelotenses nos anos 1860, o Rio Grande do Sul exportou em média 30 a 35 mil toneladas do produto, ultrapassando as 40 mil somente em um dos anos. Já nas décadas de 1910 e 1920, o Rio Grande do Sul exportou, respectivamente, uma média de 45 mil toneladas na primeira e 52 mil na segunda.[11] Ou seja, a produção aumentou em mais de 50%. Outro dado importante diz respeito aos rebanhos destinados ao charque. No período em que estamos trabalhando aqui, de 1911 a 1915, o Rio Grande do Sul abateu 3.213.595 cabeças de gado, o que representa uma média de mais de 640 mil novilhos abatidos por safra – índice bem acima do meado do século XIX.[12]

Portanto, o fim da escravidão trouxe dura crise às charqueadas escravistas, mas não aos estabelecimentos em si. Utilizando-se de mão de obra assalariada, eles continuaram funcionando com vigor, ampliando a sua produção e atendendo a uma demanda crescente pelo produto. No entanto, nessa nova etapa eles já não tinham em Pelotas seu principal núcleo fabril.Na virada do século começaram a surgirnovos estabelecimentos em diversos municípios da fronteira sul, do planalto norte e até

---

[9] MAGALHÃES, Mário Osório. *Pelotas agrícola e pastoril: história da Associação Rural.* Pelotas: Armazém Literário, 1998, p. 27.

[10] LONER, Beatriz. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande***.** Pelotas: Ed. UFPel, 2016, p. 40.

[11] DALMAZO, Renato; CARVANTES, Roberto. *As relações de comércio do Rio Grande do Sul: do século XIX a 1930*. Porto Alegre: FEE, 2004, p. 109.

[12] DALMAZO, Renato; CARVANTES, Roberto. Op. cit., p. 49; VARGAS, Jonas.Op. cit., p. 158.

mesmo da serra gaúcha, colaborando para um maior incremento da produção.[13]Assim sendo, as exportações continuaram a crescer porque o fim da escravidão não alterou as condições alimentares dos ex-escravos de forma drástica. Além do mais, o charque sempre fez parte da dieta das populações pobres das grandes cidades e nunca foi comida exclusiva dos escravos. Tratando-se de uma proteína barata, pouco perecível e de fácil acesso, ela continuou alimentando parte das classes trabalhadoras por décadas.

Assim sendo, se Pelotas possuía 38 charqueadas em 1880, este número cairia para 18 em 1890, refletindo o impacto da crise da mão de obra. Em 1900, o índice caíra para 11 e, em 1920, Pelotas possuía somente 5 charqueadas.Neste processo, quase todas as ricas famílias charqueadoras pelotenses que viveram o auge nos anos 1860/1870 também foram abandonando este ramo dos negócios.[14] Diante de tais indicadores, não resta dúvida de que, nasprimeiras décadas do século XX, Pelotas deixara de girar sua economia entorno do charque. Como já foi dito, sua economia agora se diversificou. Além da charqueada e da agricultura colonial, ela apresentava importante inversão na lavoura arrozeira. De acordo com Loner, em 1903 a atividade ligada ao arroz começa a surgir ganhando força em 1907.Ricos fazendeiros começaram a investir nesta produção e no censo nacional de 1920, por exemplo, Pelotas já era o 3º município do Brasil no número de arados. A partir dos anos 1920 a agricultura foi mecanizada, demonstrando que a entrada de capitais vinha sendo significativa.[15]

A dinamização da economia também pode ser representada pela criação do Banco Pelotense (1906), pela instalação do

---

[13] VOLKMER, Márcia S. *"Onde começa ou termina o território pátrio": os estrategistas da fronteira, empresários uruguaios, política e a indústria do charque no extremo oeste do Rio Grande do Sul (Quaraí,1893-1928).* Dissertação de mestrado em História, Unisinos, 2007; PESAVENTO, Sandra. *República Velha Gaúcha: frigoríficos, charqueadas, criadores.* Porto Alegre: Movimento/IEL, 1980.

[14] VARGAS, Jonas. Op. cit.

[15] LONER, Beatriz. Op. cit. p. 36.

Frigorífico Rio-Grandense (1919) e pela crescente industrialização tão bem estuda por Loner, todos os três bem alinhados ao capital mercantil da cidade. Todos estes fatores provocaram transformações sociais profundas, como uma acelerada urbanização, a formação de uma classe operária e o investimento financeiro em outas atividades. Pelotas tornara-se ponto de atração para migrações tanto internas quanto vindas do estrangeiro. De acordo com Loner, em 1890 a população pelotense era de 42.591 pessoas.Na parcela urbana da cidade, 18,1% dos habitantes eram estrangeiros, na sua maioria portugueses, enquanto os classificados como negros e mestiços chegavam a 30,7%.[16] Tudo isto contribuiu para uma maior diversidade sócio-profissional e ocupacional que foi tomando conta da cidade e que se reflete nas fontes documentais analisadas. Neste sentido, a população pelotense continuou em crescimento, atraindo imigrantes europeus e gerando problemas comuns às cidades modernas da época, como o saneamento, o abastecimento, a criminalidade e o próprio processo de urbanização.[17]

A partir de tais questões, podemos nos perguntar: que tipo de impactos sociais e econômicos sofreu a cidade de Pelotas diante de tais fenômenos? O interesse pela História urbana e a História das cidades têm cada vez mais atraído a atenção dos pesquisadores nos últimos anos e tais estudos tem contribuído de forma marcante com a renovação teórica e metodológica a respeito da temática.[18] No entanto, os mesmos constituem-se em temas

---

[16] LONER, Beatriz. Op. cit. p. 44-45.

[17]ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel doséculo XIX*. Dissertação de Mestrado em História. PUCRS, 1996; GOUVÊA, Melissa X. *Mísera princesa destronada: crime e ordem pública em Pelotas (1902-1928)*. Dissertação de Mestrado em História. PURCS, 2015; POMATTI, Angela B. *Italianos na cidade de Pelotas: doenças e práticasde cura (1890-1930)*. Dissertação de Mestrado em História, PUCRS, 2011; VIEIRA, Sidney G**.** *A cidade fragmentada: o planejamento e a segregação social de espaço urbano em Pelotas*. Pelotas: EdUFPel, 2005.

[18] LEPETIT, Bernard. *Por uma nova história urbana*. São Paulo: Edusp, 2001; TORRÃO FILHO, Amilcar. História urbana: a configuração de um campo intelectual. *Urbana: Revista do CIEC-Unicamp,* v. 7, n. 10, jan./ago., 2015, p. 1-9.

clássicos não apenas na historiografia, como na Sociologia e no Urbanismo, por exemplo. Segundo Ronald Raminelli o interesse pelas cidades e as vivências e sociabilidades urbanas atraiu importantes estudiosos como Max Weber, Georg Simmel, Henri Pirenne, Maurice Dobb, entre muitos outros.[19] No Brasil, as pesquisas na áreasão multidisciplinares e começa pelo interesse na história das cidades coloniais até os aglomerados urbanos dos dias atuais, problematizando o rápido crescimento das periferias nas capitais, as política públicas e planejamentos urbanos e a vida nas grandes cidades. As páginas a seguir certamente não buscam realizar uma história inspirada em tal viés historiográfico, uma vez que esse não é o objetivo principal do texto. Contudo, as fontes analisadas a seguir trazem importante contribuição para aqueles que quiserem utilizá-las nesse sentido, o que torna nossa tarefa de divulgação dos documentos ainda mais interessante.

## a) O "Censo" municipal de 1911

O Censo municipal de 1911 trata-se de um documento bastante rico a respeito da população pelotense da época. Ele foi organizado pelo diretor de Estatísticas do município, Alberto Coelho da Cunha, e traz dados sobre a população, as profissões e atividades econômicas, a instrução pública, entre outros aspectos.

De acordo com o documento, Pelotas possuía, em 1911, 62.701 habitantes, dos quais 32.880 viviam na cidade, ou seja, pouco mais da metade. A cidade (perímetro urbano) junto com os subúrbios (que somavam 3.363 habitantes) faziam parte do 1º distrito do município. É certo que naquele contexto os limites entre o urbano e rural não deviam ser tão nítidos como hoje, mas os próprios autores do documento definiram os mesmos dessa forma. Pelotas ainda possuía outros 5 distritos, classificados do 2º ao 6º

[19] RAMINELLI, Ronald. História Urbana. In: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro F. *Domínio da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 185-202.

nessa ordem: Areal, Retiro, Buena, Santa Helena e Santa Silvana. A população masculina era de 31.422 e a feminina de 31.279 pessoas. As crianças (0 a 10 anos) somavam 18.167 habitantes, os jovens de 11 a 20 anos somavam 14.612, os adultos de 21 a 60 anos reuniam 27.381, enquanto a população mais idosa atingia 2.478 pessoas.[20]

O censo também é rico em outras informações. Cerca de 12,4% dos habitantes eram estrangeiros. Os portugueses formavam o grupo imigrante mais numeroso, com 1.964 pessoas, seguidos pelos uruguaios e os italianos,mas Pelotas também reunia franceses, espanhóis, poloneses e alemães, além de outros 564 que os censores resolveram classificar num grupo genérico chamado "diversas nações". Como os dados estão classificados por distrito é possível verificar que boa parte dos estrangeiros estavam na zona rural do município, ou seja, muitos deles estavam estabelecidos nas colônias agrícolas. A principal exceção eram os portugueses, nitidamente mais urbanos que os demais imigrantes.

Outro dado interessante e diretamente relacionado à nacionalidade diz respeito à religião. Cerca de 80,9% eram católicos, seguidos pelos protestantes que somavam 14%.[21]Quase 90% dos protestantes estavam na zona rural do município, expressando uma nítida relação entre a presença estrangeira e a religiosidade, enquanto quase 2/3 dos católicos viviam na cidade. Com relação à instrução, os censores separaram 11.562 pessoas na categoria "Sem idade para aprender". Do restante, 30.142 sabia ler e escrever e 20.997 foram classificados como "analfabetos", ou seja, entre os adultos e idososa proporção era de quase 60% de alfabetizados. Aqui a diferença entre o rural e o urbano não é tão grande como se poderia esperar. A cidade era palco de 64% dos alfabetizados do município, mas também concentrava 52,6% de todos os analfabetos. A presença estrangeira no meio rural pode

[20] 60 pessoas tiveram sua idade ignorada.

[21] Também foram classificados os "Sem religião" (com 1.959 pessoas), os "Evangélicos" (505 pessoas), os "Espíritas" (643 pessoas) e os "Diversas religiões" (117 pessoas).

ter acentuado a importante presença de alfabetizados nessas áreas, mas ainda cabem maiores estudos sobre a temática.

No que diz respeito às profissões, também é possível tirarmos algumas conclusões. Os censores criaram cinco categorias. Os "Negociantes" somavam 1.872 pessoas, os "Operários" 6.578, os "Diversos empregos" chegavam a 12.620, os "Serviço doméstico" a 3.478 e a categoria "Pessoas de família" reunia 38.153. Quase 90% dos negociantes estavam na cidade, assim como 75% dos operários. Difícil saber se os 3.478 classificados como serviços domésticos eram estritamente dedicados a essas atividades e qual a presença das mulheres nessa categoria. O fato é que mais de 90% desse grupo também estava trabalhando na cidade. A categoria "Pessoas de família" parece incluir os familiares e dependentes dos chefes de domicílio e/ou profissionais qualificados. Pouco mais da metade deles ficava na cidade. O grupo "Diversos empregos" é o mais vago em termos de definições. Pouco menos da metade estava situado na cidade, sendo provável que todos os profissionais liberais ou de ofícios especializados, empregados públicos, criadores, industriais e lavradores estivessem nesse grupo. Acreditamos que os "operários" fossem empregados de pessoas desse grupo trabalhando não apenas nas fábricas, mas em outras atividades. Portanto, as categorias aqui mencionadas são bastante vagas, sendo difícil chegarmos a maiores detalhes. Contudo, os dados que iremos expor a seguir, e contidos no mesmo documento, auxiliam na compreensão dos mesmos.

O Censo também reúne informações referentes aos estabelecimentos, às profissões e às ocupações econômicas da população na época, ou seja, dados referentes à estrutura socioeconômica local. Os responsáveis pelas estatísticas dividiram os indicadores em três grandes grupos. O primeiro intitula-se "indústrias" e refere-se às "oficinas" e "fábricas". O segundo diz respeito às "profissões" e reúne os "profissionais liberais", os estancieiros, criadores e lavradores. O terceiro grupo é relativo ao

comércio, desde os exportadores e importadores até as pequenas casas de varejo. É importante mencionar que os dados referentes a tais indicadores não dizem respeito ao número de pessoas, mas sim, ao número de estabelecimentos ou de profissionais. Como se verá adiante é o mesmo procedimento utilizado pelo Anuário Estatístico de 1914 sendo provável que os dados do Censo tenham sido usados para alimentar as informações do Anuário, publicado três anos depois. Para fins de análise, iremos separar as profissões/estabelecimentos em urbanos e rurais (dentro dos limites possíveis de tal classificação), ficando no segundo grupo as estâncias, fazendas e lavouras.

Começamos pelos grupos mais urbanos. No item "oficinas", Pelotas apresentava 349 estabelecimentos/profissionais, distribuídos em 26 categorias. As mais numerosas eram as de ferreiros (52), barbeiros (46), carpinteiros/marceneiros (40), alfaiates (32), correeiros (21) e sapateiros (40). Além disso, estas eram as únicas categorias que estavam presentes nos distritos mais rurais, o que significa que a população rural não precisava ir até a cidade para acessar esses serviços. Em contrapartida, 18 das 26 categorias foram encontradas somente no 1º Distrito, ou seja, só atendiam na área mais urbanado município. Era o casodos fotógrafos (4), relojoeiros (7), ourives (9), latoeiros (17), tanoeiros (5), tipógrafos (10), entre outros. Também destacamos a presença de 17 gabinetes dentários, todos eles na cidade. A partir desses dados iniciais já podemos vislumbrar que a diversidade profissional era muito maior na cidade, como os dados abaixo ajudam a reforçar.

Os 158 profissionais liberais estavam todos estabelecidos na cidade, com exceção de dois médicos licenciados, que atendiam no 5º distrito. Os mais expressivos eram os ligados ao grande comércio e atividades financeiras (19 diretores/gerentes de bancos/casas comerciais, 38 guarda-livros e 12 despachantes), os médicos (29) e os advogados (13). Cerca de 14 foram classificados como professores (5 "de línguas", 8 "de música" e 1 "de desenho").

Neste grupo também destacamos as parteiras, classificadas num número de 5. Não é possível saber o número de mulheres nas outras categorias, algo que somente os dados do Anuário ajudam a perceber. Chama a atenção a presença de somente 1 engenheiro,mas a presença de 7 empreiteiros de obras parece demonstrar que a cidade estava em crescimento, ampliando seu conjunto predial.

No grupo "Fábricas" temos 217 estabelecimentos divididos em 35 categorias. O mesmo fenômeno urbano localizado para as oficinas repete-se para as fábricas, ou seja, somente 6 categoriais possuíam estabelecimentos nas zonas rurais do município (fábricas de pães e bolachas, curtição de couros, charqueadas, moinhos/beneficiamento de farinhas, preparação de banha, conservas e beneficiamento de línguas). Cerca de 29% destas fábricas estavam localizadas fora do 1º Distrito, denotando que mais de 2/3 ficavam na área mais urbana ou próxima da cidade. Podemos citar como exemplo destas as fábricas de massas, velas, sabão, vidros, calçados, cola, vinhos, mobílias, vassouras, carros, gelo, instrumentos musicais, telhas, biscoitos, tecidos, cervejas, chapéus, entre outras. Destacamos as fábricas de beneficiamento de arroz, açúcar, fumo e farinhas, além das que preparavam o couro e torravam café, o que evidencia Pelotas como receptora de matéria-prima do interior do Estado. A existência de dois estaleiros navais também possibilita perceber o incremento mercantil impulsionado pela região.

Para estudarmos o comércio pelotense temos que dividir as casas exportadoras e as importadoras das casas de comércio a varejo. No primeiro grupo os censores foram minuciosos em classificar as exportações em grande escala (16) e pequena escala (4) e as importações em atacado (43) e para o varejo (38). Todos os 101 estabelecimentos mencionados ficavam na "cidade", conforme o apontado pelo documento. É possível perceber que a exportação era muito mais concentrada nas mãos de poucas empresas do que a importação. Além disso, a quantidade de firmas

destinadas à importação demonstra Pelotas muito mais como um entreposto comercial de mercadorias importadas destinadas a abastecer toda a região da campanha do que o inverso, algo esperado de uma região pouco industrializada.

No segundo grupo, denominado "comércio a varejo", temos uma série de dados que totalizavam 939 estabelecimentos divididos em 46 categorias. Este é sem dúvida um dos subgrupos mais expressivos e demonstram como o comércio era muito dinâmico em Pelotas. Das 46 categorias apontadas, pelo menos 15 também atendiam as regiões mais rurais do município, ou seja, a maior parte dos 939 estabelecimentos estavam localizados no 1º distrito (737 deles, mais exatamente). O destaque com certeza vai para as casas de secos e molhados (376), que estavam distribuídas por todos os distritos de Pelotas e compunham 40% do total. A segunda categoria mais numerosa eram os açougues (65) e a terceira as cocheiras de carros e carroças (63), demonstrando a ligação da cidade com o universo rural e que as charqueadas e os frigoríficos não eram os únicos a "disputar" os rebanhos da fronteira.[22] Diversão e trabalho andavam lado e estavam representadas nos bilhares (3), cafés e bebidas (28), hotéis (12), restaurantes (31), confeitarias (6), livrarias e instrumentos musicais (5) e clubes e associações de recreio (11).O mesmo ocorria com relação ao tradicional e o moderno, no qual as mangueiras para tropas (11) e as barracas de couros (12), dividiam espaço com companhias de carris (1), empresa de telefones (1) e os bancos ou casas de câmbio (7), entre outros. O comércio pelotense pulsava forte e uma simples olhada nesse documento ajuda a perceber que a cidade estava entre as mais modernas do sul do Brasil.

No meio rural, por sua vez, praticamente não há diversidade de atividades. As unidades produtivas estavam divididas em duas:

---

[22] Para uma análise da estimativa do gado destinado aos açougues e as charqueadas no século XIX ver VARGAS, Jonas. Na trilha das tropas: os charqueadores de Pelotas e suas estratégias para atuar nos mercados do gado vacum (Rio Grande do Sul, c. 1850 – c. 1890). *Revista Territórios & Fronteiras,* v. 7, n. 2, jul-dez., 2014, p. 262-286.

"agricultor ou plantador" e "estancieiro ou criador pastoril". De acordo com os dados, teríamos em 1911 cerca de 2.789 estabelecimentos classificados no primeiro item e 341 no segundo. Portanto, trata-se de uma Pelotas mais ligada à agricultura do que à pecuária, com uma proporção de mais de 8 pessoas no plantio para cada pessoa na criação de animais. Cerca de 4/5 destas pessoas estavam no 4º, 5º e 6º distritos do município – notadamente os mais rurais e produtivos em tais setores. É provável que a maior parte de agricultores seja resultado da forte presença de colonos estrangeiros que desde o século XIX se estabeleciam na região.

Assim sendo, os dados do censo são apenas quantitativos, ou seja, não são elencados os nomes das pessoas que atuavam como profissionais ou que eram as proprietárias dos estabelecimentos/estâncias e casas de comércio indicadas. Tal preocupação foi apenas realizada para os arrozeiros, o que demonstra a importância que esses empresários estavam tendo naquele momento. Contudo, como veremos a seguir, os números do censo são mais abrangentes que os dados compilados pelo Anuário de 1914, sobretudo para as ocupações rurais. Além disso, o Censo também possibilita vislumbrar a distribuição das atividades por distrito, algo que o Anuário também não elenca. Como já mencionamos, o ideal é utilizar ambas as fontes de forma combinada. Passamos agora à análise do Anuário. Sua riqueza ao apresentar o nome das pessoas possibilita uma pesquisa mais aprofundada, além de viabilizar uma melhor identificação das elites locais.

**b) O Anuário Estatístico do Almanack Laemmert**

No Anuário Estatístico de 1914 temos um total de 1.533 estabelecimentos arrolados com os nomes dos profissionais ou proprietários dos mesmos. Muitos deles trazem o endereço e alguns até o número do telefone, informações não presentes no Censo municipal de 1911. Tais detalhes permitem não apenas localizar nominalmente os profissionais, como também cartografar

parcialmente a localização exata das suas atividades na cidade. Não é possível saber o grau de abrangência dos dados para com o total de profissionais na cidade, ou seja, não sabemos se todas as parteiras, os açougueiros, alfaiates, entre outros profissionais, estão arrolados no Anuário. Contudo, o cruzamento de informações entre ambas as fontes pode nos ajudar a ter uma ideia do grau de precisão nas informações.

No entanto, a correlação de dados pode servir apenas para as comparações urbanas, uma vez que o Anuário só elenca os maiores fazendeiros do município deixando de fora a esmagadora parte dos lavradores. Além disso, os trabalhadores assalariados no meio urbano também não foram arrolados, pois não era o objetivo da publicação. No entanto, isso não nos impossibilita o uso do documento como fonte histórica. Trata-se de uma bela amostragem dos estabelecimentos e dos profissionais da cidade. A partir do mesmo podemos comparar Pelotas com outros municípios não só do Rio Grande do Sul como do Brasil. A título de exemplo, podemos analisar a Tabela abaixo:

**Tabela 1 – Comparação entre estabelecimentos e cidades rio-grandenses a partir do Anuário Estatístico do AlmanackLaemmert (1914)**

| | *Pelotas* | *Porto Alegre* | *Bagé* | *Rio Grande* |
|---|---|---|---|---|
| **População total** | **65.000** | **147.149** | **38.000** | **34.788** |
| Açougue | 25 | 111 | 6 | 18 |
| Advogado (Drs) | 11 | 35 | 7 | 8 |
| Bancos | 8 | 5 | 3 | 5 |
| Cafés/bilhares | 23 | 17 | S/ info. | 12 |
| Fábrica carros | 8 | 5 | 2 | S/info. |
| Dentistas | 16 | 40 | 10 | 13 |
| Engenheiros | 9 | 7 | 3 | S/info. |
| Hotéis | 13 | 17 | 5 | 11 |
| Import./exportadores | 53 | 32 | 3 | 49 |
| Médicos | 31 | 67 | 18 | 17 |
| Teatro | 8 | 3 | 4 | 1 |

A Tabela 1 nos possibilita perceber que a área urbana de Pelotas, mesmo apresentando uma população bem inferior à da capital, podia oferecer maiores alternativas aos seus habitantes e visitantes, sobretudo em aspectos culturais, de lazer e sociabilidade, com certo luxo, como a maior presença de cafés, teatros e fábrica de carros/carruagens. Além disso, a maior presença dos Bancos e casas exportadoras/importadoras demonstra que a cidade ainda atraía os olhares de investidores, era importante ponto de financiamento na área industrial e agropecuária da região sul e de redistribuição de mercadorias importadas para o interior do Estado. Contudo, devido a sua menor população, ela possuía limites de atuação profissional para médico, advogados e dentistas. Também é importante considerar que a expressiva participação de Bagé e Rio Grande em alguns setores mostra que o chamado "empobrecimento da metade sul" ainda estava distante da realidade. No mais, cabe a pesquisas futuras verificar a validade das informações aqui demonstradas e o quanto o Anuário conseguiu ser abrangente no que diz respeito à Porto Alegre.

Além disso, o caráter nominal da fonte proporciona outras análises. A partir dos sobrenomes das pessoas arroladas é possível verificar em quais atividades os imigrantes europeus estavam mais presentes. O nome também possibilita verificar possíveis parentescos e atividades realizadas entre familiares. A indicação do endereço possibilita cartografar o exercício de algumas profissões, verificando-se quais as ruas da cidade as concentravam. Com criatividade pode-se realizar uma história social e cultural das profissões, para além da história econômica. As possibilidades de pesquisa se ampliam se pensarmos que os anuários estatísticos presentes nos Almanacks vão de 1907 a 1936, podendo, portanto, servir para estudos que busquem analisar mobilidade social, transmissão de patrimônio, estratégias familiares, entre outros.[23]Além do mais, tendo o "nome" em mãos, o pesquisador

[23] Parte destas possibilidades de estudo foram pensadas e trabalhadas por Jéssica Rodrigues Peres na Semana Acadêmica de História da UFPel (2017).

pode tentar rastrear os profissionais em diferentes documentos, na busca de uma história social mais abrangente.[24]

Contudo, apenas o uso do próprio Anuário pode ser muito rico em detalhes. Sabemos, por exemplo, que o Sr. Caetano Sollazo, era dono da Alfaiataria Elegância, que ficava na rua XV de novembro, n. 675 e devia ser contígua à Chapelaria de Bammann& Maia. Atravessando a rua tínhamos a loja de lampiões de Vieira de Souza e quadras depois ficava o dentista Gastal Eduardo Júnior. O Anuário mostra que a própria XV de Novembro e a Andrade Neves eram as ruas em que se localizavam as livrarias da cidade. Na General Neto, n. 64, morava a parteira Dona Maria de Agostini, ao lado da Drogaria do senhor Bojunga. Bem distante dali, próxima ao porto, ficava a fábrica de gelos de Leopoldo Haertel, zona na qual podia se encontrar também o depósito de iates de Avelino & Cia, assim como a sua loja de materiais de construção. Nos pouparemos de analisar mais profundamente a riqueza desses dados neste momento, uma vez que nosso foco é observar as elites pelotenses no período. Para tanto, precisamos propor alguns critérios.

## Uma possibilidade de estudo: rastreando as elites locais

O questionamento que se deve fazer para esses documentos, mas principalmente para o Anuário, visto o seu caráter nominativo, é: dentre os 1.533 estabelecimentos e profissionais listados, quais pertenceriam a setores das elites locais? Ou seja, quem estaria no topo da hierarquia social pelotense por concentrar riqueza, prestígio e poder em tal contexto? Separamos alguns subgrupos que poderiam ser indicativosdas atividades e profissões realizadas pelas elites do município. A partir de agora trabalharemos com eles: a) profissionais liberais: 65 pessoas (advogados formados, médicos e engenheiros civis); b) elite

[24] GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico**.** In: GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios.* Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 169-178.

mercantil/financeira: 161 (bancos, casas de câmbio, agências de seguro e comércio, companhias, casas de importação e importação, comércio atacadista, navegação); c) elites rurais: 36 (arrozais, charque e grandes fazendeiros); d) Grandes proprietários urbanos: 26; e) fábricas: 105 (todas as fábricas e moinhos). Os estabelecimentos/profissionaisselecionados somam o número de 380. No entanto, nem todos devem ser percebidos como pertencentesà elite local, como trataremos a seguir

Primeiramente, no **Grupo A**, sabemos que custava muito caro formar um filho em alguma academia imperial. Mas com o advento da República e a maior disseminação do ensino superior, é provável que alguns setores intermediários da sociedade tenham acessado esses espaços de reprodução social caros às elites. Em Pelotas, por exemplo, já existia uma Faculdade de Direito desde 1912, mas ainda não teríamos alunos formados em 1914. O que importa é que as chances dos advogados, médicos e engenheiros em Pelotas no ano de 1914 serem de famílias que concentravam riqueza, poder e status eram grandes, além do que, adquirir um diploma desses era uma boa forma de se ingressar na elite, adquirindo bons empregos, casamentos, além de prestígio social.Retratando de forma crítica a sociedade e a política brasileira na Primeira República, Lima Barreto considerou que engenheiros, médicos e advogados formavam a "nobreza doutoral da bruzundanga".[25]

Portanto, iremos considerar esses profissionais como pertencentes às elites da cidade. Uma simples olhada em seus nomes e trajetórias nos auxiliam nesse sentido, como por exemplo, os médicos Balbino Mascarenhas, Francisco Simões Lopes, Francisco de Paula Moreira (vereador de 1896 a 1900), Pompeu de Souza (vereador de 1905 a 1908), Joaquim Rasgado (que herdou o nome de seu pai, um rico charqueador), Pedro Luiz Osorio (vereador de 1917 a 1920 e prefeito de 1920 a 1924), Urbano Martins Garcia (vereador no Império) Edmundo Berchon, que

[25] LIMA BARRETO. *Os Bruzundangas* (1922).

também foi rico estancieiro. No grupo dos advogados temos Alexandre Machado Mendonça, Francisco Carlos de Araújo Brusque, um dos primeiros diretores da Faculdade de Direito, João Py Crespo (vice-prefeito duas vezes), além de outros. Entre os engenheiros civis temoOctacilio Pereira, Manoel Luiz Osorio, Ildefonso Simões Lopes, Arthur Antunes Maciel (vereador entre 1887 e 1896) e Cipriano Corrêa Barcelos (três vezes intendente de Pelotas). O leitor pode perceber que muitos deles possuem sobrenomes de tradicionais famílias charqueadoras que estavam entre as mais ricas de Pelotas no século XIX.[26]

No **Grupo B**, a ideia de que todos os estabelecimentos elencados devessem pertencer à elite pelotense deve ser melhor considerado. Em uma cidade como Pelotas, é provável que todos os banqueiros e ricos comerciantes o fossem, mas é difícil saber a dimensão de suas fortunas, podendo ser possível que alguns homens de setores intermediários, ou seja, nem tão ricos, tenham sido classificados como atacadistas, agenciadores e homens de negócios ligados à importação e exportação, por exemplo.As vezes um indivíduo podia diversificar as suas atividades em mais de uma dessa áreas. Pegamos, por exemplo, os incorporadoresdo Banco Pelotense (1906) (Coronel Alberto Roberto Rosa, Francisco Antunes Gomes da Costa (Barão do Arroio Grande), Dr. Joaquim Augusto de Assumpção, Plotino Amaro Duarte e Eduardo Candido Siqueira) e o Coronel Pedro Osório, que chegou a ser seu presidente. Tanto ele, quanto Alberto Rosa e Plotino Duarte acumularam atividades industrial e a financeira, denotando uma íntima relação entre ambos os setores. Além disso, Pedro Osório também foi charqueador e arrozeiro conceituado no ramo.

Podemos continuar usando esses indivíduos como exemplo. Alberto Rosa, além de proprietário de três fazendas, era sócio da empresa “Pedro Ozório e Cia”, e também da Companhia Fiação e Tecidos Pelotense e segundo o Anuário de 1914, um dos maiores

[26] VARGAS, Jonas. Op. cit., 2016.

proprietários de prédios urbanos em Pelotas. Já o Barão de Arroio Grande era charqueador, fora deputado pelo Partido Liberal no período do Império e vice-presidente do Rio Grande do Sul.[27] Quanto a Joaquim Augusto de Assumpção, este fora senador da República, formado em direito, aparece no Anuário de 1914 como um dos principais fazendeiros e proprietários de terra. Outro sujeito de prestígio social era Plotino Amaro Duarte, fazendeiro e empresário nos mais variados ramos, a marca "Plotino Duarte e Filhos" possuía casa bancária, casa de câmbio, casa de comissão e consignação, atuava também no ramo da importação e exportação, além de ter sido sócio de Alberto Rosa na Fiação de Tecidos.

No **Grupo C**, se confiarmos no Anuário, Pelotas teria 36 grandes estabelecimentos classificados como"de charqueada", "fazendas de criação"ou"arrozais". Não é possível saber se existiram outros grandes estabelecimentos que não foram aqui computados. No que diz respeito às charqueadas, a pouca representatividade das mesmas é confirmada por outras pesquisas, conforme enunciamos no início desse texto. Sobre os arrozeiros, ainda são necessárias novas pesquisas para definir se pertenciam todos ao grupo dos mais ricos. Contudo, cremos ser possível considerá-los por momento no grupo da elite local. Outro segmento que se enquadra como elite econômica local são osgrandes fazendeiros. No Anuário de 1914, aparecem 16 nomesassociados a esse importante setor: Álvaro José Corrêa, Antônio José de Azevedo Machado, que era filho de um charqueador homônimo que havia sido vereador no período imperial, Dr. Antônio Mancio Ribeiro Tacques, médico e vereador entre os anos de 1891-1896, Capitão Antônio Rodrigues Ribas (vereador em 1909-12 e 1913-16), Dirceu Ribeiro Moreira,Edmundo BerchondesEssarts(citado anteriormente como médico), Frontino Vieira da Costa e Silva, Guido Gonçalves Chaves, João Simões Lopes, Dr. Joaquim Augusto de Assumpção, José Maria Moreira, que herdou o nome de seu pai que fora charqueador e político, Pedro Luiz da

[27] LAGEMANN, Eugenio. *O Banco Pelotense.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985, p. 89.

Rocha Osorio, entre outros. Não sabemos a dimensão de suas fazendas, nem o quantitativo de produção e/ou criação, mas para constarem nessa pequena relação do Anuário, eles certamente eram fazendeiros de riqueza e influência considerável.

No **Grupo D** estão inseridos os proprietários de prédios urbanos. É provável que alguns deles também fossem proprietários de terras que fossem arrendadas. Mas o fato de terem sido destacados no Anuário como um grupo proeminente nos faz pensar que, mesmo sem a indicação de sua riqueza, os mesmos deviam possuir um patrimônio considerável para ser assim classificado. Além disso, esse é o grupo de elite com a maior presença de mulheres: Zeferina da Luz Lopes (Viscondessa da Graça), Joana Carolina da Rocha, Candida Moreira Maciel (Baronesa de São Luís), Margarida Pinto Duval, entre outras. Viver de rendas de aluguéis era uma boa opção para esta elite, sobretudo em momentos de crises e insegurança para investimentos mais arriscados.

Por fim, o **Grupo E** é o mais problemático de ser analisado no que diz respeito às elites locais. É difícil saber a dimensão da riqueza e da produção dos estabelecimentos identificados como "Fábricas". Temos nesse grupo as fábricas de chapéus, de cola, de vassouras, venezianas, calçados, cerveja, velas, sabão, carruagens, armas, ou seja, praticamente as mesmas enunciadas anteriormente (presentes no Censo de 1911). Não sabemos ainda se possuir uma fábrica dessas colocava automaticamente os seus donos na elite econômica da cidade. O mais provável é que esse grupo fosse profundamente hierarquizado e apenas uma parcela deles pudesse ser vista como membros de uma rica elite local, concentrando riqueza, prestígio e poder. Entre eles estão os já citados Coronel Alberto Rosa, Plotino Amaro Duarte, Pedro Luiz da Rocha Osório e também alguns imigrantes/descendentes que ascenderam socialmente no meio fabril, como Carlos Ritter (cervejaria), Leopoldo Haertel (cervejaria), Francisco Rheingantz(fábrica de chapéus) e Frederico Lang (sabão e velas), por exemplo.No entanto, ainda são necessários mais estudos para compreendermos

melhor a importância desses industriais na economia local e qual os seus espaços de atuação na sociedade pelotense da época.[28]

Um futuro cruzamento das fontes nominais certamente nos ajudará a traçar melhor o perfil das famílias empresariais, das diferentes inversões de capitais na localidade, assim como os graus de concentração entre política, riqueza e prestígio social. Tomamos como exemplo os Simões Lopes. O Anuário revela que Justiniano trabalhava com comissões e consignações mercantis e possuía uma charqueada, João era um dos principais fazendeiros, enquanto Ildefonso era engenheiro civil e Francisco era médico. Além disso, havia uma firma Simões Lopes & Osório dedicada ao cultivo do arroz. A família também tinha representantes na política municipal, estadual e nacional, o que revela uma interessante e diversificada rede de relacionamentos que ajuda a explicar a sua posição de elite.

É certo que nem todos os 380 estabelecimentos/profissionais dos 5 grupos aqui descritos pertencessem às elites locais. Digamos que a metade pudesse atingir esse patamar. Tendo em vista que a população pelotense em 1914 devia atingir as 65 mil pessoas, estamos diante de um seleto grupo que compunha bem menos do que 1% da população local. Por certo que se pensarmos nas suas famílias, ao invés de apenas nos indivíduos proprietários dos estabelecimentos ou os profissionais, esse índice aumenta. Somaríamos a eles os políticos e parte da burocracia local. Contudo, este índice dificilmente passaria dos 4% ou 5% da população local. Conhecer melhor estas pessoas e famílias podem auxiliar na compreensão de quais grupos tomaram decisões fundamentais para traçar os rumos que Pelotas tomou nas décadas posteriores, uma vez eu as decisões políticas e econômicas tomadas pelas elites tendem a ser mais contundentes e marcantes do que a maior parte das pessoas. Pesquisas futuras podem nos ajudar nesse sentido. O que é possível afirmar é que somente estudos queaprofundem a análise para além da perspectiva

[28] Para um ótimo estudo referente à Rio Grande ver FERRARETO, Maria Karina. *"Sociedade não tão anônimas: um estudo prosopográfico sobre a elite empresarial de Rio Grande (1994-1913)"*. Dissertação de Mestrado. PPGH, UFRGS, 2017.

quantitativapodem iluminar melhor estas questões. Assim sendo, faltam trabalhos que nos ajudem a definir a posição de todos eles nessa hierarquia socioeconômica que vinha se reconstruindo após a abolição da escravidão, a crise das charqueadas, a industrialização e a urbanização local.

## Considerações finais

Tanto o censo municipal quanto as informações compiladas no Anuário apresentam-se ao pesquisador como fotografias sociais de um determinado período e nos ajudam a compreender um pouco melhor a sociedade pelotense da época. Pensamos que tais documentos podem ser melhor utilizados para traçarmos um perfil socioeconômico de Pelotas numa época fundamental para compreendermos as transformações sofridas pelo município. Se o censo nos traz os dados brutos referentes à população local, apresentando informações sobre nacionalidade, profissão e idade, as informações do Anuário apresentam o nome de profissionais que atuavam em Pelotas na época ou que eram proprietários/locatários de estabelecimentos. Tais informações nos parecem ser fundamentais para o estudo da história do município no período, tanto a partir de uma abordagem econômica, quanto a uma outra mais cara à História Social. O artigo trata-se de uma primeira incursão realizada pelos autores no estudo da sociedade pelotense no mencionado período e faz parte de um projeto de pesquisa maior que visa estudar as elites da cidade e a sua atuação na política e na economia local, durante um período mais amplo.[29]

[29] Parte da documentação aqui trabalhada foi cedida ao historiador Josué Eicholz, também membro do nosso projeto de pesquisa, e foi utilizada em sua dissertação de mestrado (EICHOLZ, Josué. *Elites locais e caridade: estudo sobre os benfeitores do Asilo de Mendigos e Asilo de Órfãs São Benedito em Pelotas – RS (1880-1920)*. Dissertação de Mestrado. PPGH-UFPel, 2017.

## Referências

ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel doséculo XIX*. Dissertação de Mestrado em História. PUCRS, 1996.

*Anuário Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial da Republica dos Estados Unidos do Brasil para 1914*. Rio de Janeiro: Almanak Laemmert, 1914.

D'EU, Conde. *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul.* São Paulo: USP, 1981.

DALMAZO, Renato; CARVANTES, Roberto. *As relações de comércio do Rio Grande do Sul: do século XIX a 1930*. Porto Alegre: FEE, 2004.

EICHOLZ, Josué. *Elites locais e caridade: estudo sobre os benfeitores do Asilo de Mendigos e Asilo de Órfãs São Benedito em Pelotas – RS (1880-1920).* Dissertação de Mestrado. PPGH-UFPel, 2017.

FERRARETO, Maria Karina. *"Sociedade não tão anônimas: um estudo prosopográfico sobre a elite empresarial de Rio Grande (1994-1913)"*. Dissertação de Mestrado. PPGH, UFRGS, 2017.

FONSECA, Pedro Dutra. *RS: economia e conflitos políticos na República Velha.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios.* Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

GOUVÊA, Melissa X. *Mísera princesa destronada: crime e ordem pública em Pelotas (1902-1928).* Dissertação de Mestrado em História. PURCS, 2015.

HARNISCH, Wolfhang. *O Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: Globo, 1952.

Intendência Municipal de Pelotas. Dados Estatísticos (1910-1911). Pelotas: Diário Popular, 1911 (DPM-023).

LAGEMANN, Eugenio. *O Banco Pelotense.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

LEPETIT, Bernard. *Por uma nova história urbana.* São Paulo: Edusp, 200.

LIMA BARRETO. *Os Bruzundangas* (1922).

LONER, Beatriz. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande.* Pelotas: Ed. UFPel, 2016.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Pelotas agrícola e pastoril: história da Associação Rural.* Pelotas: Armazém Literário, 1998.

PESAVENTO, Sandra. *República Velha Gaúcha: frigoríficos, charqueadas, criadores.* Porto Alegre: Movimento/IEL, 1980.

POMATTI, Angela B. *Italianos na cidade de Pelotas: doenças e práticasde cura (1890-1930).* Dissertação de Mestrado em História, PUCRS, 2011.

RAMINELLI, Ronald. História Urbana. In: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro F. *Domínio da História.* Rio de Janeiro: Campus, 1997.

TORRÃO FILHO, Amilcar. História urbana: a configuração de um campo intelectual. *Urbana: Revista do CIEC-Unicamp,* v. 7, n. 10, jan./ago., 2015.

VARGAS, Jonas M. *"Os Barões do charque e suas fortunas": um estudo sobre as elites regionais brasileiras a partir de uma análise dos charqueadores de Pelotas (RS, século XIX).* São Leopoldo: Editora Oikos, 2016.

VARGAS, Jonas. Na trilha das tropas: os charqueadores de Pelotas e suas estratégias para atuar nos mercados do gado vacum (Rio Grande do Sul, c. 1850 – c. 1890). *Revista Territórios & Fronteiras,* v. 7, n. 2, jul-dez., 2014.

VIEIRA, Sidney G. *A cidade fragmentada: o planejamento e a segregação social de espaço urbano em Pelotas.* Pelotas: EdUFPel, 2005.

VOLKMER, Márcia S. *"Onde começa ou termina o território pátrio": os estrategistas da fronteira, empresários uruguaios, política e a indústria do charque no extremo oeste do Rio Grande do Sul (Quaraí,1893-1928).* Dissertação de mestrado em História, Unisinos, 2007.